

Nas quinas de Artaud

A.A. *A perda de si: cartas de Antonin Artaud*. Seleção, organização e prefácio de Ana Kiffer. Tradução de Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, 174 pp. (m.a.r.g.i.n.á.l.i.a)

Salete Oliveira

Pesquisadora no Nu-Sol, professora no Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, Brasil. Contato: peemanki@yahoo.com.br.

Um livro-presente-bonito nas mãos.

A força deste livro, organizado por Ana Kiffer a partir de uma pequeníssima seleta de cartas, frente à imensa correspondência de Antonin Artaud, e traduzido por ela com Mariana Fernandes, não é o que ele encerra em si. Seria uma perda, um desperdício, pensar que ele por si só basta diante do próprio Artaud. O ponto forte do livro é nos empurrar para fora dele mesmo. Para além de suas páginas, para além das delimitações da mancha na página e vazar para fora da margem, assim como Artaud em seus *Cadernos de Rodez*, *Cadernos de Ivry*, dentre outros.

São poucos os escritos de Artaud traduzidos no Brasil. Assim como são raros os trabalhos que não descambam para o vale tudo quando se trata de Artaud, aí tudo se

equivale, reproduzindo o enfadonho e inaceitável “falar sobre”... E Artaud vira um subterfúgio de ornamento, um palavrório sem fim, uma avalanche de desempenhos performáticos,... e por aí vai. Diante do conjunto de cartas reunidas no livro, muitas das quais inéditas em português do Brasil, o leitor está diante da possibilidade de sair de seu eixo, do eixo das cartas e do eixo do livro mesmo.

Então, o livro passa a ser um convite para ultrapassar seu volume; perder-se para ir ao encontro do inapreensível e *imperdível Antonin Artaud*.

Quem sabe haverá leitores que se deparem eles próprios com o estranho eco estremecido da perda de si, diante de *insuportáveis verdades* (ARTAUD, 1974) enunciadas por aqueles que os guardiões do juízo pretendem manter a uma distância mensurada, ou até mesmo, aniquilar.

Não há como tocar em Artaud e sair ileso, ao menos para quem como ele tem uma bomba para colocar em algum lugar. “Há bombas a por em alguma parte, mas na base da maioria dos hábitos do pensamento presente, europeu ou não” (ARTAUD, 1995: 39).

E mais uma vez é preciso repetir que quando Artaud situou a crueldade como o duplo da peste, incontáveis medíocres a confundiram, propositalmente, com derramamento de sangue. Não. Artaud foi explícito, não é nada disso. A *crueldade* é situada como *apetite de vida*, e a *peste*, seu duplo indissociável, voltada para *furar abscessos*. Artaud foi incisivo em relação a isto, muitas vezes, seja em inúmeros escritos, seja em cartas remetidas a diversos destinatários, dentre eles, algumas endereçadas a Jean Paulhan¹ e que não constam em *Perda de si*, diante do critério que orientou a seleção desta publicação. Aliás, por mais que falem que o livro *O teatro e seu duplo* é bastante conhecido no Brasil, talvez ele seja muito menos lido do que acreditam. Não é fortuito, ainda, que o duplo

¹ Os escritos sobre a peste, crueldade e cartas a este respeito, podem ser encontrados, dentre inúmeros outros, em ARTAUD, Antonin (1984). *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Max Limonad.

crueldade-peste seja propositalmente evitado. A não ser por alguns raros, dentre estes no *The Living Theatre*, a partir da relação de Artaud com o anarquismo tecida pelos anarquistas Julian Beck e Judith Malina² e no Nu-Sol³ em inúmeros *percursos* de um tanto de suas diferentes práticas, e de forma indissociável nas procedências da noção de *resposta-percurso*, presente em seu abolicionismo libertário, onde Artaud se encontra, em crueldade e peste, sem assepsias, adornos e taxinomias. *Apetite de vida e furar abscessos. A vida é de queimar as questões.*

Artaud insistia na afirmação de que, sua correspondência, suas cartas não se separavam de seus escritos. “Eu me reencontro tanto em uma carta escrita (...) quanto em um ensaio (...) eu me recuso a fazer diferença entre qualquer dos minutos de mim mesmo” (ARTAUD, 1995: 209).

É gritante o espaço que as cartas assumem em sua existência, assim como elas compõem um espaço

² Ver PASSETTI, Edson (2008). “Teatro, anarquia e um alerta aos pluralistas” In *Verve* 14. São Paulo: Nu-Sol. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5159/0>.

³ Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) www.nu-sol.org.

imenso e inesgotável no qual o livro *A perda de si: cartas de Antonin Artaud* se situa como uma mostra pontual no Brasil. Nele a disposição das cartas, a partir do critério de Kiffer, foi elencada por lugares em sequência cronológica de décadas, de acordo com o interesse específico da trajetória de seu trabalho sobre Artaud, conforme exposto em sua apresentação (pp. 7-20). Em Paris, anos 20, encontram-se “Correspondência com Jacques Rivière”, “Quatro cartas a Alexandra Pecker e uma carta ao Doutor Alendy” e “Cartas a Anaïs Nin”; em Paris/México, anos 30: “Cartas a Jean Paulhan”; em Ville-Évrard, final dos anos 30: “Carta ao Doutor Fouks”; Rodez, anos 40: “Cartas ao Doutor Ferdière”, “Carta ao Doutor Jacques Latremolière”, “Cartas ao Doutor Jean Dequeker”; em Ivry/Paris: “Cartas a Hans Archtung”, “Cinco cartas a Andre Breton e “Cartas em torno da emissão radiofônica ‘Para acabar com o juízo de deus’”.

A sequência de cartas no início do livro entre Artaud e Jacques Rivière traz um entrechoque, diante da negativa de Rivière em publicar os poemas de Artaud na incensada *Nouvelle Revue Française* (NRF), fundada em 1909, onde era editor. A insistência de Artaud em ser aceito

nesta publicação afamada chega a ser irritante. Este Artaud “pegajoso”, um termo dele para referir-se, às vezes, a si próprio, também existe. O que provocou esta troca de cartas? Se os poemas de Artaud parecem a Rivière “ausentes de unidade”, ele passa a interessar-se em publicar o conteúdo das cartas. E é isto que ocorre. Esta correspondência é bastante incensada por analistas “epistolares” e “críticos” de Artaud, chegando a ser denominada por muitos, como a “célebre correspondência”, conforme designação utilizada na orelha de *A perda de si*. Entretanto, não é este um dos pontos altos do livro, e nem chega perto da força da troca de cartas e da amizade entre Artaud e Jean Paulhan, um dos editores da Gallimard criada em 1919 e derivada da NRF.

A relação de Artaud com Alexandra Pecker, dr. Alendy e Anaïs Nin, tomadas apenas pelas cartas apresentadas e na sequência em que estão dispostas em bloco podem levar um leitor mais apressado a depreender que Pecker foi a enjeitada e Nin a preferida de Artaud, onde se justifica a presença de dr. Alendy no interregno inicial como o elemento mediador que aproximou Artaud de Nin, conforme sublinhado por Kiffer (p. 47) em uma das poucas notas feitas nas cartas ao

longo do livro. Entretanto, diferente de Nin, Alexandra Pecker será uma amiga sempre presente ao lado de Artaud assim como Roger Blin. A atriz Alexandra Pecker se manterá junto dele, desde muito cedo, a partir dos primeiros espetáculos de Alfred Jarry (Artaud, 1995; Virmaux, 2000) até à morte de Artaud em 1948 (Mèredieu, 2011: 972). E isto não é pouco, nem fácil.

As cartas de Artaud a Jean Paulhan, que também permanecerá seu amigo até o fim de sua vida, são um dos momentos efervescentes do livro. Do projeto de viagem ao México até a contundência definitiva encontrada nos cumes dos Tarahumara. Este povo que anda ressoará em Artaud, também, após nove anos de encarceramento — moído por nove anos no manicômio e pela psiquiatria —, em seus escritos e cartas finais em torno de *Van Gogh, um suicidado da sociedade* (ARTAUD, 1977) e *Para acabar com o juízo de deus* (IDEM, idem), *Aqui jaz* e *Cultura indígena*⁴, dentre outros. Onde, ainda,

⁴ Ver escritos e cartas como detalhada documentação em Antonin Artaud (2000). *Os Tarahumaras*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Relógio D'Água, e, também, em Antonin Artaud (1984a). *México y Viaje al país de los tarahumaras*. México: Fondo de Cultura Económica (Coleção Popular).

é possível ouvir os estrondos em fogo de outras vastidões solares em seu *Heliogabalo* (ARTAUD, 1991), este jovem que *pratica a anarquia minuciosa*, afirma: *contemporizar, submeter-se é consagrar a derrota, sem defender a vida*.

Na seleta de cartas de Artaud a Jean Paulhan, entre 1935 a 1936, que circundam sua viagem ao México, encontra-se Artaud atravessado pelo que ele chama de retemperar a si próprio, seu próprio corpo e simultâneo a isto diz. “A cultura não está nos livros, nas pinturas, nas danças, ela está nos nervos e na fluidez dos nervos (...)”. É na travessia para o México e de um Porto em Havana que conta a Paulhan ter chegado finalmente ao título para seu livro: *O teatro e seu duplo* (pp. 69-70). Após sua chegada, fica maravilhado com o que encontra: “O México é um país surpreendente, ele tem forças em reserva e ele as tem a nu” (pp. 71). Misturado a isso, irritado com a demora da editora em publicar seu livro, não para de repetir a Paulhan que fale com Gallimard para que ele deixe de protelar e dê uma data para a publicação do livro, que lance o livro. “Você entende, querido Jean Paulhan, que é importante para mim uma data e que estou um pouco

cansado de ver minhas ideias sendo utilizadas por outros. Que Gallimard não me pague se não quiser, (...) mas que lance o livro” (pp. 72). Volta-se novamente para o México “uma cidade de terremotos: quero dizer que ela é um tremor de terra que não parou de evoluir e que petrificou sobre o lugar (...) E as pessoas tremem como a cidade” (p. 74). “Para os índios a vida é um surto murmurante, um fogo que ressona (...) em todos os graus do diapasão. (...) É no barulho do fogo que a vida enlaça suas forças. Essa ideia (...) nos aborbulhamentos de sangue, é recebida, muitas vezes, pelos Mestres de Escolas, com golpes de fuzis. O governo oferece terra aos Índios, e também urnas eleitorais, mas os Índios dizem que não querem nem terra nem urnas e sim e simplesmente a liberdade” (pp. 76-77).

No conjunto de cartas a Jean Paulhan, um Artaud incandescente, mesmo com os apuros pelo pouco dinheiro que dispõe durante a viagem, situa a série de conferências que é convidado a dar no México, e a perspectiva para suas publicações em jornais daquele país. Artaud alerta Paulhan sobre a urgência de que seus escritos saiam o mais rápido

possível na França, na NRF, sem a demora costumeira, pois não sendo textos literários, colocam questões urgentes sobre o problema indígena, a revolução e a tensão irreduzível com o que Artaud denomina “os Mestres de Escola de Marx”. A ponto de Artaud anunciar ao amigo já uma nova conferência antimarxista intitulada: “A Revolução Universal e o Problema Indígena” (pp. 79-81), dentre outras, e informar ainda sobre um livro, relativo à cultura mágica do México e os judeus derivado também de conferências, que pretende dar o título de *Mensagens revolucionárias*. O que Artaud receava aconteceu. Seus textos do México, traduzidos para o espanhol pelo mesmo tradutor de *Uma temporada no inferno* de Rimbaud, com quem Artaud estabeleceu contato, não só foram publicados muito mais tarde na França pela Gallimard, como tiveram de ser vertidos do espanhol para o francês. Dois deles seriam incluídos em *O teatro e seu duplo* (p. 80), publicado pela Gallimard somente em 1938 (VIRMAUX, 2000). Os demais foram destinados a um volume específico sobre o México no interior da Edição da Gallimard das obras completas de Artaud que apenas começou a ser editada na década de 1960. Artaud finaliza sua

última carta a Paulhan, em *A perda de si*, com um PS: “A universidade do México me pede uma missão, em algumas semanas, para estudar as velhas raças indígenas no interior do país, montanhas, desertos, etc. A.A.” (p. 81). Ele partiria ao encontro dos cumes do povo que anda, os tarahumara, e do peyote (ARTAUD, 2000).

Sem mais o livro dá um salto e Artaud já se encontra internado em Ville-Évrard, em 1939, escrevendo ao médico de lá.

“Se a liberação não acontecer, Dr. Fouks, *eu me suicidarei de qualquer maneira porque já não me interessa mais resolver esse caso.*

EU NÃO ACEITEI JAMAIS ESSE PAPEL DE VÍTIMA EXPIATÓRIA E PROPICIATÓRIA: UMA VEZ QUE É A MIM QUE DEVE SER PROPÍCIO, E QUE SOU EU QUE JULGO O QUE É OU NÃO PROPÍCIO (...)

A LIBERAÇÃO OU A MORTE IMEDIATA, Dr. FOUKS

EU NÃO QUERO E NEM POSSO IR MAIS LONGE” (pp.82-83).

A partir daí a avalanche continua nas cartas em Rodez.

“Ao Doutor Ferdière

(...) porque se tenho muitos e grandes amigos pelo mundo você

sabe também que tenho do lado da polícia e da administração francesa inimigos muito viscerais, muito insinuantes e muito maldosos. (...) e porque você sempre pensou que a medicina não estava às ordens da polícia. Não seria preciso me dar eletrochoques (pp. 84-85) (...) Antonin Nalpas” (p. 89).

E outra.

“A cada vez que você fala em me *curar*, Sr. Ferdière, é como se eu recebesse uma facada bem no centro de meu coração e da minha consciência⁵” (p. 93).

E outra, em 1945, ao médico de Rodez que, um ano antes, se doutorou com a tese *Acidentes e incidentes observados ao longo de 1.200 eletrochoques.*

“Ao Dr. Jacques Latremolière

O eletrochoque, Sr. Latremolière, me desespera, me rouba a memória,

⁵ Ao usar o termo consciência, Artaud não se refere ao que costumeiramente é depreendido desta palavra, conceito, etc. Aparta-se tanto do plano da interioridade quanto de um fora que deveria ser internalizado e vice-versa, como também da tomada de consciência, a verdadeira consciência e o que quer que o valha. Está-se diante do ato próprio de pensar que para ele também não se separa do próprio coração. Não à toa, Foucault em *O pensamento exterior* diz que em Artaud está-se frente à atração como materialidade do pensamento (Foucault, 1990: 35).

entorpece meu pensamento e meu coração. Faz de mim um ausente (que se sabe ausente e se vê durante semanas (...) como um morto à procura de um vivo que já não é ele, mas em cuja casa ele não pode mais entrar) (...) — Porque esse tratamento iníquo me desliga da vida. — Coloque-se um segundo em meu lugar, Dr. Latremolière, como um escritor e um pensador que não para de trabalhar e veja o que você pensaria dos homens e de tudo se fosse permitido, como fazem comigo, abusarem de você dessa forma” (pp. 99-100).

Artaud, em inúmeras ocasiões mesmo após sua saída de Rodez, viria a se referir, também, às vértebras de sua coluna que foram quebradas pelas sessões de eletrochoques. Nise da Silveira⁶ dizia, certa vez, que a carta de Artaud “Aos Chefes de Manicômio”⁷ é irrespondível.

“Deixai-nos rir. A credulidade dos povos civilizados, dos sábios, dos governos, adorna a psiquiatria de

⁶ Ver PASSETTI, Edson (Direção, roteiro e edição) (1991). *Nise da Silveira, uma vida como obra de arte*. Vídeo disponível em www.nu-sol.org e em https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=IEGW5HITd0

⁷ Ver em Willer (1983).

não sei que luzes sobrenaturais. O processo da vossa profissão já recebeu seu veredito. (...) A repressão dos atos antissociais é tão ilusória quanto inaceitável no seu fundamento. Todos os atos individuais são antissociais. (...) não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem. (...) Que tudo isso seja lembrado amanhã pela manhã, na hora da visita, quando tentarem conversar sem dicionário com esses homens sobre os quais, reconheçam, os senhores só têm a superioridade da força” (ARTAUD, In Willer, 1983: 30).

Em *A perda de si*, as cartas por Artaud em Rodez vão até 1945. Dentre elas mais uma a Jean Paulhan, quando seu amigo lhe pede um livro e ele em resposta lhe escreve uma carta; outra, ainda, enviada a Hans Archtung recusando o pedido deste de fazer os desenhos em seus escritos. “Ademais, Sr Archtung, eu *desenho*. Quero dizer que não desenho, mas que ao lado do que escrevo faço figuras que são como que barras e não sombras. O que faço está muito perto de mim, é muito íntimo. Não aceitaria alguém cagando comigo quando eu cago ou lavando a bunda no mesmo bidê que eu. - O mesmo vale para os meus escritos” (p. 121).

O livro vai para o início de 1947, com as cartas de Artaud para Andre Breton, entre Paris e Ivry. Elas se concentram em torno da conferência de Artaud no Vieux-Colombier, em 1946, e sua exasperação crua diante da hostilidade de Breton que acompanhou o tom reativo de muitos que lá estiveram.

“Caro amigo, você criticou amargamente a minha conferência no Vieux-Colombier que foi a primeira ocasião que eu encontrei de colocar os pingos nos is diante do público de uma sociedade

que tinha me mantido por nove anos internado,

demolido, com sua polícia, minha coluna vertebral com golpes de barra de ferro,

apunhalado com dois golpes de faca minhas costas por cafetões,

detido e enviado à prisão, deportado,

agredido em um navio,

mantido 3 anos em segredo durante meus 3 primeiros anos de internação, (...)

Para além de reunir pessoas em uma sala,

eu deveria injuriar essa sociedade na rua

mas é difícil porque as ruas estão cheias somente de transeuntes

apressados, e para os convidar a escutar necessita-se de barricadas e bombas,

mas como foi que você não reparou que sobre o palco do Vieux-Colombier eu mesmo me dei conta da inutilidade da minha tentativa e que renunciando a ler a exposição que tinha preparado fechei a mala e parti, lançando ao público a última estrofe de um poema:

nenhum exercício de yoga

vale as descamações

da buceta de uma vagina morta

quando a criadinha que à porta

mija separando o mijo para

atravessar a sífilis

porque de repente me dei conta que já havia passado a hora de reunir pessoas em um teatro, (...) e que com a sociedade e seu público só resta a linguagem das bombas, das metralhadoras, das barricadas e de tudo que se segue

Mas como depois disso, Andre Breton, e depois de me repreender por aparecer em um teatro você me convida para uma exposição em uma galeria de arte hiperchique, ultra-abastada, retumbante, capitalista (mesmo que tenha ela seus fundos em um banco comunista), e onde

toda manifestação seja ela qual for só pode ter o caráter estilizado, limitado, fechado, fixado de uma tentativa de arte.

Em uma galeria vende-se pintura, compram-se quadros, é um entreposto dos jesuítas (...)

Da natureza e das coisas eu tenho a minha ideia pessoal, e ela não se parece com nenhuma de quem quer que seja, e eu não admito que civilizações, nações, religiões e culturas venham me encher o saco com suas concepções (...)

Toda experiência é absolutamente pessoal, (...)

Quem não quer iniciar-se a si próprio não encontrará outro que o faça

E se há um sol, uma luz e estrelas é porque todo mundo se entregou, nesse ponto da luz universal, às concepções desse larápio fenomenal chamado deus, em vez de fazer como no mundo verdadeiro, onde cada um se ilumina a si próprio com sua própria luz, como Van Gogh para pintar a noite com seu chapéu de sete velas. Eis que todo mundo preferiu se arrastar e se iluminar sem trabalho por meio do benefício da violência desse consórcio de presunçosos,

o demiurgo e seus assessores” (122-127).

“(...) Eu quis falar em público, Andre Breton, não pelo prazer de remexer a bunda como alguns solenes e célebres eclesiásticos que conheço, (...)”

Chega dessa mascarada (...)

pátria, família, sociedade, espírito, conceitos, percepções, sensações, afetos, coração, alma, ciência

lei, justiça, direito, religião, noções, Verbo, linguagem (...)

(p. 149-155).

A demolição realizada por Artaud não para até o fim do livro e se intensifica em torno da emissão radiofônica *Para acabar com o julgamento de deus* (ARTAUD, 1974)⁸ a partir de sua violenta proibição, em 1948.

Artaud escreve a René Guilly no mesmo dia em que este publica um texto na revista *Combat* falando que Artaud deveria ficar reservado como poeta às estantes de livros mas, jamais vir a público.

⁸ Ouvir o áudio na íntegra da gravação original que encontra-se em *Pour en finir avec le jugement de Dieu*, émission radiophonique conçue et réalisée par Antonin Artaud, Paule Thévenin, Roger Blin e Maria Casarès disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dEG3n0ooAuo>.

“A René Guilly

(...) Esses que segunda à noite
sentavam e esperavam com uma
curiosidade e uma impaciência nunca
antes vistas a emissão (...) eram essas
pessoas do grande público,

cabelereiros,

lavadeiras,

vendedores de cigarro,

quitandeiros,

serralheiros,

operários da imprensa

enfim, toda essa gente que ganha
a vida com o suco sangrento dos
seus braços,

e não esses capitalistas de estrume
que enriqueceram secretamente
que vão à missa todo o domingo
e desejam acima de tudo o respeito
aos ritos e às leis.

(...)

o dever

digo de novo

O DEVER

do escritor, do poeta,
não é de ir se esconder num livro,
num texto, numa revista de onde ele
nunca mais sairá,

mas ao contrário

de sair para fora

para agitar

para atacar

o espírito público

senão

para que ele serve?

E para que nasceu?

(...)

Não sou mestre de capela

(...)

Quero dizer que essa emissão era
a busca por uma linguagem que um
ferroviário ou um imigrante pudesse
compreender” (pp. 166-168).

Depois do crítico segue a demolição
do padre.

“Carta aberta ao R. P. Laval

Tudo isso é ótimo e que você me
reconheça o direito à expressão total
e integral de minha individualidade
(...)

Mas há algo que você não diz

E que é como a reserva de fundo
desse direito de expressão (...)

É que como todos os padres (...)

Como todo padre católico

Você esteve e está ligado

Por 2 ritos

Da consagração e da elevação da
missa

(...)

Que capitaliza, se posso dizer,

A vida (...)” (pp. 169-170).

A última carta do livro é de Artaud
para sua amiga Paule Thévenin,
outrora publicada em português como
algumas outras de *A perda de si*.
Thévenin foi vital para que Artaud

também chegasse até nós. Não só porque ela editou as obras completas de Artaud publicadas pela Gallimard, como foi para quem Artaud ditou muitos de seus últimos escritos, dentre eles, *Van Gogh o suicidado da sociedade*, que segundo Thévenin (1986) levou dois anos para ficar pronto e não 2 dias como costumam falar.

Interrompo esta resenha com uma das últimas cartas endereçadas a Artaud. Uma carta de René Char. A relação e a correspondência entre Artaud e Char vem de longa data e não se restringe a esta única carta. Char, o poeta preferido de Michel Foucault, visitou Artaud um pouco antes dele morrer. Artaud dedicou *Aqui jaz*, um de seus últimos escritos que precede *A cultura indígena*, a René Char. Na ocasião da morte de Artaud, Char fez um poema especialmente para ele intitulado com seu próprio nome: *Antonin Artaud*.

A última carta de Char a Artaud não se encontra na correspondência selecionada de *A Perda de si*. Mas a *vida é de queimar as questões*, como afirmou Artaud, então, é ela que quero trazer aqui em terra, ar, água e fogo, ah!, aqui na quina do percurso deste instante.

“Caro Antonin Artaud,
Habituei-me, evitando os intermediários folgazões, a pensar em você, no desconhecido e na falta de propósito. Assim se mantêm intactos a ligação que tenho por sua obra e o afeto que sinto por sua pessoa. As circunstâncias me ensinaram a *economia* de raríssimos vulcões e também do poder de evaporação de tudo o que tem preço, por pouco que se queira apreendê-lo. Eu verei, doravante, quebrando o crânio dos relógios, o apocalipse de Van Gogh se universalizar por seu intermédio. Sua charrua ara esse mundo perdido, ergue e devolve ao seu curso apaixonado os inextinguíveis meteoros que os carrascos de sempre tentam enterrar em seu estrume. Obrigado ainda, Antonin Artaud, por viver no fogo de trigais. René Char.” (CHAR, In MÉREDIEU, 2011: 965-966).⁹

Referências bibliográficas

ARTAUD, Antonin (1977). *Van Gogh: el suicidado de la sociedad y para acabar de una vez con el juicio de dios*. Madrid: Editorial Fundamentos. (1984). *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Max Limonad. (1984 a) *México y Viaje*

⁹ CHAR, René. *Carta inédita a Antonin Artaud*, 19 de janeiro de 1948. Documento/Biblioteca Nacional da França (BNF), conforme nota informada por Méredieu (2011).

al país de los tarahumaras. México: Fondo de Cultura Económica (Coleção Popular).

_____ (1991) *Heliogabalo, ou anarquista coroadado*. Tradução de Mario Cesariny. Lisboa, Assírio e Alvim.

_____ (1995). *Linguagem e vida*. Tradução de J Guinsburg; Silvia Fernandes Telesi; Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira. Organização de J. Guinsburg; Sílvia Fernandes Telesi e Antonio Mercado Neto. São Paulo: Editora Perspectiva.

_____ (2000). *Os Tarahumaras*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

FOUCAULT, Michel (1990). *O pensamento do exterior*. Tradução de Nurimar Falci. São Paulo: Editora Princípio.

MÉRÉDIEU, Florence (2011). *Eis Antonin Artaud*. Tradução de Isa Kopelman. São Paulo: Editora Perspectiva.

PASSETTI, Edson (2008). “Teatro, anarquia e um alerta aos pluralistas” In *Verve* 14. São Paulo: Nu-Sol. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5159/0>

PASSETTI, Edson (Direção, roteiro e edição) (1991). *Nise da Silveira, uma vida como obra de arte*. Vídeo. disponível em www.nu-sol.org e em https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=IEGW5HITd0

THÉVENIN, Paule (1986). “Paule Thévenin: Artaud ocupou toda a minha vida – entrevista a Cláudio Willer. On line disponível em Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag1willer.htm>

VIRMAUX, Alain (2000). *Artaud e o teatro*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes Moura. São Paulo: Editora Perspectiva.

WILLER, Claudio (1983). *Escritos de Artaud*. Tradução e seleção de Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM.